

---

**“Sob o domínio do medo”: Sam Peckinpah à luz do medo líquido de Zygmunt Bauman<sup>1</sup>**

Roberto PAZOS RIBEIRO<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia

Saul MENDEZ FILHO<sup>3</sup>  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, Ilhéus, Bahia

Rodrigo BOMFIM OLIVEIRA<sup>4</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia

“Legião é o meu nome, porque somos muitos.”  
Marcos 5:9

**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo compreender a relação entre o ser humano e a sensação de medo, que transita desde a angustiante exposição a condições limítrofes (P. ex.: o medo paralisante provocado por fobias) ao seu “uso recreativo” na literatura, videogames e principalmente no cinema (objeto de estudo deste trabalho). Com esse propósito, serão apresentados alguns dos conceitos que delimitam o medo, suas categorias, fontes originárias e suas formas de manifestação, bem como a sua construção através das narrativas cinematográficas. Para tanto, traremos ao campo dessa discussão a película de suspense do diretor americano Sam Peckinpah, “Sob o Domínio do Medo”, de forma a refletirmos a construção do o medo na sociedade e o que Bauman (2008) delineia como o medo com relação à integridade física.

**Palavras-Chave:** Medo; Cinema; Horror; Sociedade.

**Cinema de Extremos**

Como parte das tradições culturais populares e religiosas há milhares de anos, histórias de horror povoam o imaginário dos indivíduos em todo o mundo. Narrativas do gênero fazem-se presentes em todo o campo das artes, seja na literatura, artes plásticas, teatro, cinema, ou até mesmo nos jogos de videogame. O gênero Horror enfrenta claro desenvolvimento no universo cinematográfico em todo o mundo. Orçamentos milionários têm sido dedicados a películas do estilo todos os anos, e salas lotadas têm sido a garantia do retorno nas bilheterias. "O filme de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Assistente do Curso de Comunicação Social da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz/ Ilhéus-BA). Integrante do GOCC (Grupo de Estudos e Pesquisa Observatório da Comunicação e Culturas Contemporâneas). E-mail: [rpribeiro@uesc.br](mailto:rpribeiro@uesc.br)

<sup>3</sup> Pesquisador colaborador, servidor do IFBA (Tec. Audiovisual) e realizador do Festival Cine Horror (Salvador-BA). Crítico de cinema (gorebahia.com), comunicólogo, mestre em Cultura e Turismo. E-mail: [sauldesign@gmail.com](mailto:sauldesign@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor Titular do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, doutor em Cultura e Sociedade pela UFBA e coordenador TV UESC. E-mail: [rboliveira@uesc.br](mailto:rboliveira@uesc.br)

---

horror é um dos três gêneros básicos no cinema. Estes consistem em comédia, melodrama e suspense - ou filme de horror” (SKAARE, 2017) sendo o horror um dos gêneros mais antigos. Por gênero de Horror, estamos a nos referir, basicamente ao estilo cinematográfico que, em sua essência almeja

[...] acima de tudo nos assustar. Entretanto a maneira de invocar e tratar deste medo é particularmente própria. Apreciamos a experiência da angústia e do medo nos demais gêneros - guerra, filmes de catástrofes, suspense, por um momento - o filme de terror invoca algo muito mais profundo, um medo psicologicamente mais severo. O medo mais básico dos filmes de terror são as histórias que lidam com o medo da morte.(WORLAND, 2007, p.7)

O cinema de horror é produzido desde o período do cinema mudo, em obras como o “O Gabinete do Doutor Caligari” lançado em 1920. Na década de 1970 com o lançamento de obras de extrema relevância para o gênero como “O Exorcista” (1973) e “A Profecia” (1976), se notou um aumento significativo no que se refere aos orçamentos das películas de horror bem como uma clara expansão e uma diversificação sem precedentes, como destaca Frías (2011), havendo um crescimento expressivo do número de produções. Há também uma ampliação da produção mundial do gênero, que extrapola as fronteiras de Estados Unidos e Inglaterra emergindo também de países como Espanha e França e principalmente “Japão, Taiwan, Hong Kong, Tailândia, Coréia do Sul, em menores proporções, a China continental e outros países da região contribuíram com novas formas e maneiras de lidar com a crueldade e gerar o medo.” (FRÍAS, 2011, p. 07).

As produções de horror, antes reduzidas a dois ou três centros e produzidas por muitos anos com poucos recursos econômicos, tornam-se cada vez mais populares e são atualmente produzidas e exibidas em quase todos os idiomas e países. Para Frías

Não há na atualidade um gênero *cult* tão popular entre as audiências jovens quanto o horror, em particular, e o bizarro fantástico de modo mais geral. Entenda-se bem: digo gênero *cult*, que não é necessariamente o mais visto, os filme de ação, e claro os *blockbusters*, podem ter, de fato tem, um alcance maior, contudo não geram o fenômeno de adesão que o horror inspira, com a exceção das sagas *Star Wars*, *O Senhor do Anéis* e outras, que formam em todo caso nichos reduzidos e não essa constelação filmica tão diversificada que proporciona o horror. (2011, p.07)

Noel Carroll (2002) e João Vieira (2007) compartilham da mesma dúvida. Enquanto este, em seu artigo “A construção do medo no cinema”, pergunta: “por que ainda pagamos ingresso para sentir medo?” (VIEIRA, 2007, p. 1), aquele nos indaga, em seu artigo intitulado “*Why Horror*”, “por que alguém iria querer ficar horrorizado ou mesmo artisticamente horrorizado?” (CARROLL, 2002, p.33) Segundo Birkvad, citado por Skaare a resposta parece fácil e resume-se a três fatores principais. “A primeira das três principais razões pelas quais gostamos de assistir

filmes de terror é bastante elementar. Os filmes de terror nos entretêm” (BIRKVAD *apud* SKAARE, 2017) Para a autora, o nosso prazer ao assistir filmes de horror está relacionado com a diversão que a obra nos proporciona e a sua capacidade de afastar o tédio. Ainda de acordo com Skaare, estudos apontam que pessoas mais propensas a ficar entediadas têm mais chances de gostar de filmes de horror, isso estaria relacionado a uma característica que a autora denomina de “busca de sensação”. “Assim, algumas pessoas pulam de paraquedas nas montanhas, enquanto outras vão a parques de diversões para desfrutar de passeios de montanha-russa. Entusiastas de filmes de terror assistem a filmes” (SKAARE, 2017), muito embora Carroll afirme que o natural para os indivíduos é evitar aquilo que lhes seja repugnante. Normalmente, consideramos desagradável o contato com o que acreditamos ser repugnante e impuro. Não passa pelas nossas cabeças a ideia de quebrar a monotonia de uma tarde tediosa “abrindo a tampa de uma lata de lixo úmida para saborear seu ensopado prejudicial de pedaços de carne estragada, frutas e legumes podres e aglomerados nocivos e irreconhecíveis repletos de todos os tipos de coisas rastejantes.” (CARROLL, 2002, p. 33) Entretanto um incontável número de indivíduos busca o prazer nas imagens repugnantes das obras de horror.

O segundo motivo, conforme Birkvad, estaria no fato de que os filmes de horror têm o papel de “desvendar o mal”, uma vez que, para a autora, a ideia de “mal sobrenatural” tem perdido espaço na sociedade, “o mal é reservado para esse gênero de cultura popular porque não acreditamos mais nos modelos explicativos convincentes que o padre local nos deu uma vez” (BIRKVAD *apud* SKAARE, 2017). A terceira e última razão é que os filmes de horror têm a capacidade de nos ensinar a lidar com a nossa própria ansiedade. Para Skaare, parte disso está relacionado aos rituais em torno da audiência. “Vemos isso na maneira que os adolescentes ocasionalmente usam filmes de terror como parte de um tipo de teste de masculinidade, onde se trata de manter a compostura o máximo possível” (BIRKVAD *apud* SKAARE, 2017). Do ponto de vista da autora, o filme de horror seria uma forma de pôr a prova os nossos limites pessoais e coletivos em um ambiente seguro e controlado. “Sabemos, de início, que estamos vendo um filme, e, na experiência institucional da sala de cinema, lá ainda se oferece um espaço ‘seguro’ de fruição [...]” (VIEIRA, 2007, p. 3), contudo “Se ficar assustador demais, você pode apenas cobrir os ouvidos, colocar as mãos na frente dos olhos, aliviar a tensão com uma piada divertida ou recorrer à sua tigela de pipoca para obter conforto”. (SKAARE, 2017)

***Peur toujours, peur partout.***

O "Medo" pode ser considerado por alguns estudiosos como uma “emoção desagradável” que tem suas causas na possibilidade de perigo, dor ou dano. Não está ligado necessariamente a uma condição real ou a um acontecimento presente, a mera idealização de uma situação, ou a possibilidade de que algo venha a acontecer já pode funcionar como um gatilho, desencadeando tal emoção. O medo, segundo afirma Julio França, não é “desprovido de um lado positivo. Ele está intimamente ligado aos mecanismos de autopreservação. Não apenas os seres humanos, também os animais experimentam o medo quando expostos a situações que representem riscos às suas vidas” (2011, p. 59). Contudo, é importante destacar, que apenas o ser humano tem a consciência da sua natureza frágil e da finitude de sua existência, experimentando assim o medo de uma maneira diferenciada. Acredita-se que o “Medo” tenha muitas raízes, que podem ser culturais, históricas, psicológicas, dentre outras. Algumas pesquisas consideram que o "medo", em alguns casos, pode ser um reflexo evolutivo de sobrevivência, que se juntou ao nosso DNA há muito tempo atrás.

De acordo com Jean Delumeau (2009), o medo é uma emoção geralmente precedida por um evento ou situação que causa surpresa, a partir do momento em que se toma consciência de um perigo iminente que representa ameaça à sobrevivência do indivíduo.

O medo não é uma emoção patológica, mas algo universal dos animais superiores e do homem. O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes ante a impressão iminente de que sucederá algo que queríamos evitar e que progressivamente nos consideramos menos capazes de fazer. (DALGALARRONDO *apud* D'ÉLIA, 2013)

Delumeau afirma que “o medo é ambíguo” (2009, p. 23). Embora seja um dispositivo de defesa essencial, inerente ao ser humano, uma vez que ultrapasse uma dose suportável ele se torna patológico. “Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele”(DELUMEAU, 2009, p. 24).

Inicialmente, deve-se considerar o medo como uma sensação individual - o que desperta o medo em um indivíduo, pode provocar sensações distintas para outro. Assim sendo, acredita-se que o medo não está relacionado propriamente a um evento, objeto, ou situação em si, e sim na maneira como ele é percebido e sentido. Em sua obra “Medo Líquido”, Zygmunt Bauman afirma que “Medo é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance”. (2008, p.7) Assim, compreendendo a sobrevivência como sendo o instinto mais elementar do ser humano, o psicoterapeuta Alexandre Cintra afirma em entrevista para a revista “Arquivos Secretos do Medo” que “O medo é uma resposta biológica necessária

---

para a manutenção da nossa vida, com a função básica de gerar ações para evitar perigos”. (ALFARO, 2017, p. 3). Para Cintra, o que provoca o medo, é aquilo que o indivíduo desconhece.

Diante do perigo iminente, o corpo humano ativa um sistema reações a estímulos físicos e biológicos no qual [...] numa resposta autônoma (não voluntária), o cérebro envia às glândulas suprarrenais uma ordem de liberar adrenalina. Despejada na corrente sanguínea, esta última provoca um efeito em cadeia, tão rápido quanto intenso: o coração se acelera, os músculos se retesam, as pupilas se dilatam, a respiração se torna ofegante, a atividade mental sobe às alturas. Por meio desse mecanismo biológico, em uma fração de segundo nosso organismo se põe em estado de alerta, preparando-nos fisicamente para uma entre duas situações cabíveis: o ataque ou a fuga. (JAYO, 2009, p. 58)

De acordo com Bauman, o historiador francês Lucien Febvre também destacava as questões relacionadas ao desconhecido e incerto e vinculava a ubiquidade do medo à escuridão. “[...] Na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas é o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo” (2008, p.7). Parece consenso entre diversos autores que, uma vez que a escuridão é o habitat do desconhecido, torna-se terreno fértil para o florescer do medo. Também H. P. Lovecraft, conhecido por sua obra literária que revolucionou o gênero de horror, afirma que

A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido. Poucos psicólogos contestarão tais fatos e a sua verdade admitida deve firmar para sempre a autenticidade e a dignidade das narrações fantásticas de horror como forma literária. (2007, p.13)

Qualquer ameaça pode brotar da escuridão e, desconhecer a sua natureza, potencializa a sensação de fragilidade, desconforto e angústia. Não podemos nos preparar para enfrentar um inimigo oculto e desconhecido.

Bizarro, embora muito comum e familiar a todos nós, é o alívio que sentimos, assim como o súbito influxo de energia e coragem, quando, após um longo período de desconforto, ansiedade, premonições sombrias, dias cheios de apreensão e noites sem sono, finalmente confrontamos o perigo real: uma ameaça que podemos ver e tocar. (BAUMAN, 2008, p. 6)

Qualquer que seja a ameaça, criaturas monstruosas, fantasmagóricas, sobrenaturais, mortos-vivos, identificar a fonte do medo e confrontar a ameaça tem efeito libertador. A incerteza e insegurança são substituídas pela necessidade imediata de tomar uma decisão, e a escolha pode significar a sobrevivência ou não do indivíduo. Enfrentar ou fugir. Entretanto, ao tomar conhecimento da natureza da ameaça, o indivíduo dispõe de condições para avaliar e decidir.

Maria Ester de Freitas (2009), em trabalho publicado na revista GV-Executivo, apresenta uma interessante abordagem no que tange a categorização do medo, delimitando-o em sete

---

categorias: Medos existenciais, Medos-Fobias, medos sociais, medo de perdas afetivas, medo da imagem de fracasso, medos profissionais e medos sobrenaturais.

Os “Medos Existenciais” que são os relacionados ao modo de ser no mundo e à busca dos sentidos da vida. P. ex.: medo da morte; solidão; não realizar o que pretende; medo de errar; medo da rejeição, etc... Os “Medos-Fobias” que são os medos excessivos e persistentes relacionados à presença de objetos ou situações que causam mal-estar, ansiedade, imobilidade, choro, desespero e mesmo ataque de pânico. P. ex: medo de altura; pequenos insetos e animais; avião; trovão; palhaço; etc... Os “Medos Sociais” que são aqueles relacionados à convivência em sociedade, especialmente em uma vida urbana. P. ex.: medo da violência urbana; assaltos; sequestros; guerra; governos ditatoriais; etc... O “Medo de Perdas Afetivas” que se relaciona à morte ou à ausência definitiva de pessoas próximas e queridas, bem como ao enfraquecimento de vínculos. P. ex.: medo de perder membros da família; amigos; os mais jovens; etc... O “Medo da Imagem de Fracasso” ligado a insucessos, erros e impotências, com impacto na autoimagem. P. ex.: medo de falhar; não honrar compromissos; desapontar os outros; de se expor; não tirar boas notas; impotência sexual; etc... Os “Medos Profissionais” são os relacionados ao desempenho no trabalho e ao mundo do trabalho. P. ex.: medo de não ter sucesso; desemprego; não ter um bom emprego; não ser um bom profissional; chefes autoritários; etc... E os “Medos Sobrenaturais” são os ligados à esfera espiritual. P. ex.: espíritos; o desconhecido; a maldade; demônios; etc...

Bauman destaca três maneiras de o medo afligir o indivíduo naquilo que ele definiu como “Sociedade Líquida”. O medo relacionado ao fracasso profissional e a incapacidade de prover o próprio sustento no futuro; o medo do fracasso social que se traduz no medo de não ser capaz de manter o status que ocupa na sociedade; e o medo que se refere à manutenção da integridade física. Para o autor, a fragilidade nas conexões e relações interpessoais; a ideia de que não é possível estabelecer laços de confiança entre os indivíduos na pós-modernidade; a transferência da responsabilidade pela segurança da esfera coletiva para o campo individual; são fatores que alimentam a sensação de insegurança e, por conseguinte, o estado permanente de medo na Sociedade Líquida. Segundo Bauman “é nossa ‘obsessão com segurança’, assim como nossa intolerância a qualquer brecha ainda que mínima no seu fornecimento, que se torna a fonte mais prolífica, auto-renovável e provavelmente inexaurível de nossa ansiedade e de nosso medo” (BAUMAN, 2008, p. 169).

Envolto em uma bruma de insegurança, o indivíduo mergulha no abismo da necessidade de proteção. Cada vez mais, câmeras de vigilância são instaladas em estabelecimentos, residências,

---

elevadores, coletes à prova de bala, carros blindados, armas compradas para autodefesa. A vizinhança, agora ameaçadora, é vista com desconfiança - reconfigurando a arquitetura das cidades, distanciando cada vez mais os indivíduos em um clima de insegurança pós-moderna. A ideia das cidades cercadas que representavam segurança e proteção se transfigura em medo e ameaça constantes e se reflete em construções fortificadas e suas formas arquitetônicas que se assemelham a *bunkers*.

Para Bauman, no que se refere ao mal, o mais impressionante não é conceber a ideia de que o ser humano pode estar no papel de “vítima” de crimes atrozes como os praticados em Auschwitz, muito mais a ideia de que o ser humano pode ser o executor desses crimes. Bauman nos convida à reflexão de que tanto as vítimas de Eichman quanto os executores a serviço dele eram pessoas como nós. Pensar desta maneira nos coloca em confronto a abominável e assustadora ideia do mal como sendo invencível. Imaginar Eichman como um sujeito regular como qualquer outro rechaça a ideia de que é necessária a existência de uma entidade diabólica para que o mal possa existir, o que por si só pode ser aterrorizante. Assim, encontramos-nos frente a uma grave crise de confiança.

A confiança está em dificuldades no momento em que tomamos conhecimento de que o mal pode estar oculto em *qualquer lugar*; que ele não se destaca na multidão, não porta marcas distintivas nem carteira de identidade; e que todos podem estar atualmente a seu serviço, ser seus reservistas em licença temporária ou seus potenciais recrutas. (BAUMAN, 2008, p. 91)

Bauman afirma que, ainda que possamos considerar que nem todos os indivíduos estão sujeitos ao domínio do mal, ou a se colocarem a seu serviço, não é possível que sejamos capazes de identificar aqueles que são os capazes de resistir a sedução do mal e quem são aqueles que facilmente se entregariam em seus braços. Desta forma, parece mais seguro acreditar que todas as pessoas poderiam se colocar a serviço do mal e, assim sendo, faz-se necessário estar em constante vigilância.

A linha divisória entre os amigos para toda a vida e os inimigos eternos, antes tão claramente traçada e tão estritamente vigiada, foi praticamente apagada; o que gera uma espécie de “zona cinzenta” em que os papéis atribuídos podem ser intercambiados instantaneamente e com pouco esforço. A fronteira, ou o que sobrou dela, muda de forma e se move a cada passo, e na vida de um corredor ainda se espera que haja muitos passos pela frente. Tudo isso se acrescenta à confusão já considerável e recobre o futuro de uma neblina ainda mais densa. E a neblina – inescrutável, opaca, impermeável – é (como qualquer criança lhe dirá) o esconderijo favorito do mal. Feita dos vapores do medo, a neblina exala o mal. (BAUMAN, 2008, p. 95)

Em resumo, para Bauman, o estado líquido, inconstância e mutabilidade inerentes à sociedade na pós-modernidade, são terreno fértil para o medo e a insegurança. A clara percepção

---

do que é o mal e de onde este se origina conduz a sociedade à aterrorizante conclusão de que o mal não é algo distante e sim que o “inimigo” reside no desconhecido próximo. Todos os lugares podem ser considerados ameaçadores: as igrejas, os clubes, mesmo as casas vizinhas dentro de condomínios fechados. Há um enfraquecimento das relações reais, o que conduz os indivíduos em um mergulho cada vez mais profundo nas “redes” alternativas com o intuito de sanar as suas necessidades por se conectarem. No mundo líquido, presenciamos uma fragilização das conexões físicas reais e uma individualização cada vez mais intensa; desta forma, as responsabilidades que antes cabiam ao campo coletivo são transferidas para o indivíduo. A segurança torna-se um problema individual e não mais coletivo. Onde antes se percebia a segurança, percebe-se ameaça potencial. Em uma sociedade na qual o indivíduo demonstra a necessidade por estabelecer conexões interpessoais reais, a crise de confiança impulsiona-nos cada vez mais em direção ao isolamento das multidões artificiais das redes.

### ***Bloody Sam***

David Samuel Peckinpah foi um diretor, produtor e roteirista de cinema norte americano. Nasceu em 21 de fevereiro de 1925, em Fresno, no estado da Califórnia, vindo a falecer, vítima de um infarto, em 28 de dezembro de 1984, em Inglewood. *Bloody Sam*, como era conhecido no meio cinematográfico em virtude do seu fetiche pela violência extrema, foi também apelidado de “poeta da violência” devido à forma como escolhia mostrar, em câmera lenta, a cenas violentas em seus filmes. Através do uso estético da violência e da brutalidade, escreveu seu nome na história do cinema americano, consagrando-se como um dos mais vigorosos e hábeis cineastas dos Estados Unidos. Em seus filmes nos apresentava a uma espécie de realismo muito particular e questionador do modo de vida da sociedade.

“Sob o Domínio do Medo” (*Straw Dogs*, 1971) é, por muitos, considerado o filme mais controverso da filmografia de Sam Peckinpah, adaptado da obra literária do autor escocês Gordon Williams, *The Siege of Trencher's Farm* (1969). Com uma direção impecável, o mestre do cinema Sam Peckinpah presenteia os espectadores com uma película profundamente ácida, violenta e perturbadora sobre a ruptura da ordem social em uma terra praticamente sem leis. Através da tensa relação que se constrói entre o casal recém-chegado e os habitantes locais, o filme nos faz pensar nas questões da alteridade e do olhar que projeta no outro a persona do “monstro”, estabelecendo uma relação de antagonismo e uma crescente sensação de angústia e medo que culminam em uma explosão de violência.



---

O suspense conta a história de David (Dustin Hoffman), um jovem professor de matemática americano de natureza pacífica e que transmite uma ingenuidade inerente; e Amy (Susan George), uma mulher extrovertida e sedutora que gosta de atrair olhares. Logo no início da trama o casal se muda para a pequena cidade de Cornwall, no interior da Inglaterra - onde ela cresceu - em busca de segurança e tranquilidade para que David possa terminar de escrever seu livro. Em meio a uma atmosfera um tanto estranha e olhares pouco acolhedores, aos poucos, a ilusão de segurança se desfaz. David precisa enfrentar constantemente a hostilidade dos valentões locais, alguns deles inclusive contratados para prestar serviço em sua casa - entre esses, Charles (Del Henney), um antigo namorado de Amy.

A natureza pacífica e comportamento apático de David o impedem de revidar as constantes provocações e abusos, o que deixa Amy bastante irritada, fazendo com que ela esteja o tempo todo questionando sua masculinidade e coragem. Amy faz queixas constantes a respeito da dedicação excessiva de David ao trabalho e também alega que os homens que estão trabalhando na casa estão assediando-a, sem revelar, obviamente, que também se insinua de maneira provocativa para os rapazes.

O perigo começa a ficar cada vez mais claro quando o casal encontra o gato da família enforcado dentro do guarda-roupa e Amy acusa os trabalhadores de terem matado o animal, exigindo providências enérgicas da parte de David. As provocações vão se somando e os jogos ficando cada vez mais perigosos, tornando cada vez mais real a ameaça à integridade física do casal, conduzindo aos poucos o personagem de Hoffman em direção aos caminhos da masculinidade violenta que compõem o universo dos filmes de *Bloody Sam*. Quando aceita o convite para caçar com os rapazes, mais uma vez David é posto em uma situação desconfortável pelo grupo, sendo abandonado na floresta por eles. Aproveitando que Amy encontra-se sozinha em casa, Charles vai à residência do casal e a estupra. Posteriormente outro trabalhador aparece e, sob a ameaça de uma arma, também violenta a mulher, em uma sequência dramática que dura aproximadamente oito minutos - intensa, crua e visceral.

Posteriormente, Henry Niles - um garoto autista com histórico de abuso infantil - é acusado de matar a filha de um dos valentões locais. David acidentalmente atropela Niles enquanto este fugia pela estrada e decide prestar-lhe socorro levando-o para a sua casa, apesar dos protestos de sua esposa. Um grupo de homens, chefiados pelo pai da garota, cerca a casa de David exigindo que Niles seja entregue. Percebe-se que a situação é utilizada como catalisador dos conflitos não verbalizados já existentes entre os homens da cidade e David. Nesse momento, em meio a uma

---

acalorada discussão o Xerife da cidade, que simboliza a força apaziguadora da lei e a manutenção da ordem, é letalmente atingido.

A partir deste ponto todo o resquício de ordem social parece se desfazer dando lugar ao caos e à insanidade, revelando o lado mais sombrio daquela comunidade. O pacífico - e até mesmo covarde - David rompe com seus próprios limites, descobrindo até onde vai sua fúria e revelando o quão fundo o ser humano pode ir quando sujeito a situações de extrema pressão e medo arriscando tudo para proteger a integridade física de sua família e seu lar, conduzindo o espectador em direção a um clímax surpreendente.

Apesar de todo sangue derramado, muito além do que uma mera exibição de violência gratuita, aquilo que o cineasta oferece ao espectador é uma proposta de reflexão sobre profundas questões sociais, através da falta de capacidade de adaptação social dos seus personagens e da ruptura drástica das amarras sociais. Fazendo uso estético da violência, Peckinpah expõe a falência social e o fim da civilidade, restando apenas o instinto de sobrevivência que faz com que personagens “civilizados” como David, mergulhem em uma espiral irreversível de descontrole. Através da brutalidade narrativa, o diretor conduz um estudo profundo da sociedade, em um confronto entre a civilidade e a barbárie.

“Sob o Domínio do Medo” apresenta diversos elementos fundamentais que o inserem no gênero horror. A princípio, uma consistente construção da monstruosidade através da alteridade e da projeção do “ideal” de maldade no corpo do “outro”: aos poucos, Peckinpah vai revelando e aprofundando o desconforto e a insatisfação que dão o tom das relações que se estabelecem entre os locais e o casal recém-chegado e vice-versa. A negação recíproca dos estilos de vida, a rejeição à presença do outro, o sentimento de violação territorial. São introduzidos também elementos característicos de subgêneros como o *Giallo*, filmes de horror-crime muito populares na Itália principalmente nas décadas de 1970/80, que se diferenciam do suspense clássico principalmente por conta das cenas brutais de morte - como, por exemplo, “Prelúdio para Matar” (1975). “Sob o Domínio do Medo” também se associa a uma série de filmes da década de 1970 que exploraram o universo *redneck* americano partindo do ponto de vista que zonas rurais são lugares perigosos infestados de maníacos homicidas e que atravessar a fronteira do urbano para este “outro mundo” seria colocar a própria vida em risco, como, por exemplo, em “O Massacre da Serra Elétrica” (1974) e Amargo Pesadelo (1972). O filme de Peckinpah acabou influenciando uma série de produções do gênero tratando o tema da invasão de residências e a necessidade dos indivíduos de proteger a sua integridade física e a própria vida, por exemplo: “Hush: A Morte Ouve” (2016).

## **Considerações Finais**

As questões relacionadas à violência (maldade), desconfiança e insegurança, fortemente presente no filme de Peckinpah, dialogam claramente com os conceitos do medo na sociedade pós-moderna apresentado por Bauman. A ruptura com os elos sociais, o desejo de isolamento, a mudança dos grandes centros para as pequenas cidades, em nome da segurança e tranquilidade, a ameaça (e a violação) a integridade física, a percepção de que o “mal” pode ser praticado em profundidade por qualquer um, a busca por encontrar meios de proteção para suprir a falta de segurança. São elementos que podemos conectar diretamente aos conceitos delimitados por Bauman. Toda essa insegurança e medo acabam por se transformar em violência extrema na visão de Peckinpah.

Em “Sob o domínio do medo”, o protagonista interpretado por Hoffman - pacífico, polido, controlado, porém com doses de covardia - atravessa a fronteira da civilidade e das convenções sociais. Ao ver a ameaça deixar o campo do desconhecido e materializar-se diante dos seus olhos na figura do monstro “Brutamonte caipira beberrão”, sente-se compelido, pelo instinto de preservação, a confrontar aquilo que ameaça a sua integridade física.

Este artigo representa o passo inicial de uma caminhada investigativa que se direciona para o aprofundamento de estudos que lidam com conceitos como monstros, medo, horror, o gótico e sua representação através do cinema, à luz de leituras como Altman (1999), Aumont & Marie (2003), Bazin (1991), Bordwell & Thompson (2008), Carroll (1999), Jancovich (2002), Lovecraft (2008), Tirard (2002), entre outros.

---

**REFERÊNCIAS:**

- ALFARO, E.. Por que sentimos medo? **Arquivos Secretos do Medo**. Alto Astral, 2017.
- ALTAMAN, R.. **Los gêneros cinematográficos**. Paidós comunicacón. 1999.
- AUMONT, J., & MARIE, M. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Papirus, 2003.
- BAUMAN, Z. **Medos Líquidos**. Zahar, 2008.
- BAZIN, A. **Cinema - Ensaios**. Brasiliense, 1991.
- BORDWELL, D., & THOMPSON, K. **Film Art An Introduction** (8.ª ed.). McGraw-Hill Companies, 2008.
- CARROLL, N. **A filosofia do Horror ou paradoxos do coração**. Papirus, 1999.
- CARROLL, N. Why Horror? In: JANCOVICH, M. **Horror, The Film Reader**. Routledge (1.ª ed./2002). Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.4324/9780203204849> . Acesso em: 6 Jun. 2022.
- D'ÉLIA, K. A. de A. **Uma Abordagem Psicológica Sobre o Medo**. Psicologado/2013. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/uma-abordagem-psicologica-sobre-o-medo>. Acesso em 6 Jun. 2022.
- DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente: 1300 - 1800: uma cidade sitiada** (1.ª ed.). Companhia das Letras, 2009.
- FRANÇA, J. Fontes e Sentidos do Medo como Prazer Estético. Em J. França (Ed.), **Insólito, mitos, lendas, crenças** (1.ª ed.). Dialogarts Publicações, 2011.
- FREITAS, M. E. de. Radiografia de Medos. **GV-executivo**, 8(2), 4/2009. <https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol8-num2-2009/radiografia-medos> . Acessado em: 6 Jun. 2022.
- FRÍAS, I. L. La explosión horror. **Ventana Indiscreta**, 4–9/2011. Disponível em: [https://revistas.ulima.edu.pe/index.php/Ventana\\_indiscreta/article/viewFile/1028/980](https://revistas.ulima.edu.pe/index.php/Ventana_indiscreta/article/viewFile/1028/980) . Acessado em 6 Jun. 2022.
- JANCOVICH, M. **Horror, the film reader**. Routledge, 2002
- JAYO, M. O Medo no Cinema. **GV-executivo**, 8(2)/2009. Disponível em: <https://rae.fgv.br/gv-executivo/vol8-num2-2009/medo-no-cinema> . Acessado em: 6 Jun. 2022.
- LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. Iluminuras, 2008.
- SKAARE, S. D. **Why do we like watching horror films?** 2017. Disponível em: <https://partner.sciencenorway.no/film-forskningno-inland/why-do-we-like-watching-horror-films/1451826> Acessado em: 6 Jun. 2022.
- TIRARD, L. **Grandes diretores de cinema**. Nova Fronteira, 2002.
- VIEIRA, J. L.. A CONSTRUÇÃO DO MEDO NO CINEMA. In: NOVAES, A. **Ensaios sobre o Medo** (1.ª ed., p. 274). Senac, 2007.
- WORLAND, R. **The Horror Film - An Introduction**. Oxford, 2007.